

Rolande Fichberg:
superações no Holocausto
e na Ditadura Militar

Sofia Débora Levy

Rolande Fichberg:
superações no Holocausto
e na Ditadura Militar

LETRAPITAL

Copyright © Sofia Débora Levy, 2025

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais
forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Da autora

CAPA Maria Clara Fagundes

PROJETO GRÁFICO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L65r

Levy, Sofia Débora, 1968-

Rolande Fichberg: superações no holocausto e na ditadura militar / Sofia Débora Levy. -

1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

102 p. : il. ; 14x21 cm.

ISBN 978-65-5252-199-6

1. Fichberg, Rolande Paule Rozen, 1939- - Entrevistas. 2. Ditadura - Brasil - História - Séc. XX.
I. Título.

CDD: 981.063

25-100605.0

CDU: 94(81).088.

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

16/09/2025 17/09/2025.

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465

www.letracapital.com.br

Sumário

Introdução	7
Incertezas e superações: Sofia entrevista Rolande	9
<i>Ainda estou aqui</i> – Memórias de família	64
Rolande Fichberg.....	66
Cleri Fichberg.....	72
Eduardo Fichberg	82
Incertezas e superações: QR Code	101

Introdução

Na manhã de 22 de outubro de 2021, no Museu do Ingá, na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, Rolande Paule Rozen Fichberg, sobrevivente do Holocausto nascida no dia 28 de dezembro de 1939, em Bruxelas, Bélgica, mas que elegeu Niterói sua cidade de coração, me concedeu uma entrevista sobre outro período marcante da história: a ditadura brasileira.

Tanto no Holocausto quanto na ditadura brasileira, os judeus foram vítimas de requintes de crueldade por essa condição identitária, independente de grau de religiosidade ou filiação político-partidária. Muitas vezes foram torturados duplamente devido à condição judaica. O emblemático caso de Vladimir Herzog em São Paulo teve, entre outros requintes de brutalidade, a prisão em 25 de outubro de 1975, um sábado, dia semanal santificado no judaísmo.

Nos anos 1970, Rolande, simpatizante da causa comunista, mas não ativista, veio a ser presa e ficar incomunicável por semanas em prisões políticas. Conseguiu ser localizada e liberada. As marcas dos traumas permaneceram, atravessaram os anos, mas não apagaram a força de luta e expressão dessa jovem senhora com muita vitalidade aos seus mais de 80 anos e intensa vida social.

Em 2025, completaram, no dia 4 de junho, 50 anos do sequestro seguido de prisão que Rolande sofreu no

período da ditadura militar brasileira. Por essa razão, o livro vem a público agora, com um QR Code de acesso ao vídeo da entrevista, pelo que agradeço à Carolina Floare Boreaz pela gravação, direção e cuidadosa edição.

Este livro traz também depoimentos complementares de 2 dos 4 filhos de Rolande, Eduardo e Cleri. Em 2024, a família assistiu ao filme *Ainda estou aqui*, de Walter Salles, que mobilizou emocionalmente a todos e evocou as memórias dos adolescentes na época em que a mãe foi vítima da ditadura brasileira – Cleri tinha 15 e Eduardo 13 anos. Essas expressões memorialísticas foram aprofundadas também por entrevistas que fiz com eles e Rolande, e que complementam o livro com uma panorâmica dos traumas transgeracionais que os regimes totalitários indelevelmente causam nas famílias.

Meus agradecimentos à direção do Museu do Ingá, por nos proporcionar a ambiência para fazermos esta entrevista, por mim muito acalentada, junto à Rolande, a quem eu agradeço a abertura e a disposição para seguir contando as histórias de luta pela sobrevivência.

Sofia Débora Levy

INCERTEZAS E SUPERAÇÕES:

Sofia entrevista Rolande

SOFIA – Rolande, você que é uma pessoa muito querida por mim e por muita gente aqui de Niterói e, porque não dizer, de vários países do mundo, por todo um trabalho de dedicação à preservação da história e memória do Holocausto, do qual você é sobrevivente, e também pela sua dedicação ao cultivo da comunidade judaica niteroiense, na qual você é Presidente da Associação Cultural David Frischman (ADAF), instituição judaica centenária. Você nos dá um exemplo de promoção da vida em muitos âmbitos, como mãe, avó, bisavó, e como sobrevivente do Holocausto que já publicou dois livros com essas memórias, *Meus companheiros de viagem*, (Ed. Garamond) e *O Moinho* (Ed. Letra Capital). Em *O Moinho*, você faz uma cobertura muito grandiosa e minuciosa de toda a história da sobrevivência da sua família por parte de pai e por parte de mãe, tive a honra de colaborar como organizadora.

Sem entrar em detalhes, aqui na nossa entrevista, sobre o conteúdo completo desses livros, destaco que você nasceu em 28 de dezembro de 1939 na Bélgica, passou a guerra como refugiada, com parte de sua família fugindo dos nazistas, que invadiram a Bélgica em maio de 1940. Vocês encontram um refúgio no sul da França até 1942, quando os nazistas avançaram sobre a “França livre” e vocês fugiram a pé, pelos Alpes, para a Suíça,

onde você foi acolhida por pais adotivos, Sr. Marcel e Sra. Gabi Monet, seus *Papy* e *Mamy*, no que se constituiu como a sua segunda família de coração na sua infância. Depois do fim da guerra, a sua família de origem emigra para o Brasil. Você floresce como criança em Niterói, depois como adolescente e adulta em São Paulo capital, o tempo todo sendo esta personalidade agregadora, que gosta de estar com pessoas...

Na sua juventude, começa o tema desta entrevista, sobre o viés político da sua história aqui no Brasil. No seu canal no *YouTube*, você conta muito sobre sua história como sobrevivente. O intuito desta entrevista é focar como a política se instala na história da jovem Rolande em São Paulo e como isso ganha força quando ela vem para o Rio de Janeiro, atravessando o período militar no Brasil nos anos 60 e 70. Então, começamos por São Paulo. Rolande, na sua juventude, ainda como participante do Grêmio Estudantil da sua escola, você começa a sentir com mais clareza o que é ser uma ativista política. Como foi essa fase no Grêmio Estudantil e como é que isso começou a vibrar dentro de você?

Rolande – Antes de mais, obrigada pela entrevista e por me dar a oportunidade de falar um pouco sobre a questão política da minha vida. No meu primeiro livro, *Meus companheiros de viagem*, foquei um pouco mais nessa questão, uma vez que ele seguiu uma cronologia que foi até a Constituinte em 1988, com Ulysses Guimarães. Resolvi terminar o livro nessa data por ser o marco do regresso da democracia. Já no segundo livro, que fizemos juntas, resolvi focar mais na questão da Segunda Guerra Mundial, a situação do refugiado, a emigração e a nossa vinda para o Brasil.

Respondendo à sua pergunta, minha atividade política começa, realmente, em São Paulo, na minha juventude, na idade de 15 anos mais ou menos. Mas, há algo que antecede isso. Eu acho que foi a influência que tive desses meus pais adotivos suíços, principalmente do meu *Papy*, que me mostrava o respeito pela diferença e era extremamente democrático. Eles eram de religião protestante e ele fazia questão de ler o Primeiro Testamento e sempre me ensinando também a parte judaica. Então, fui criada sabendo que eu era judia e os meus ensinamentos religiosos vieram a partir do meu *Papy*. Ele dizia que a gente sempre devia respeitar todas as religiões, todos os povos. E ele me marcou muito. Eu acho que essa minha primeira infância, com a influência dele, fez com que eu passasse a procurar sempre uma justiça social. Quanto à Segunda Guerra e ao Holocausto, ele fez questão de me mostrar filmes sobre isso, filmes que passavam em praça pública, na cidade de Yverdon-les-Bains, onde morávamos. Eu, criança, não queria ver, mas ele dizia que eu tinha de ver porque aquilo tinha acontecido com o meu povo e eu não podia esquecer. Esses filmes eram exibidos ainda durante a guerra, nos anos de 1943 e 1944, e funcionavam como um jornal na tela. Não havia televisão, então um cinegrafista projetava o filme no muro da lateral de uma casa, que dava para uma praça pública. Todas as pessoas da cidade traziam suas cadeirinhas e assistiam. Os filmes mostravam o andamento da situação da guerra, como estavam os Aliados, o que tinha acontecido, as cidades que iam sendo libertadas. Foi quando eu vi a libertação da Bélgica, em 1944. Ali percebi que o meu país estava totalmente destruído, o que fazia com que

eu não quisesse voltar para lá. Então, a certa altura, começaram a aparecer também os campos de concentração sendo liberados e mostravam algumas fotos do que tinha acontecido durante o Holocausto. Era pouco, mas, aquele pouco, para mim, criança, me marcou muito.

Além disso, foi na cidade de Yverdon-les-Bains que Pestalozzi fez sua primeira escola. Ele era um dos gurus da minha *Mamy*. Ela repetia, constantemente, uma frase dele: “Para os outros tudo, para mim nada”. Eu acho que todas essas coisas foram fazendo com que eu tomasse uma direção na questão política. Eu não poderia ser uma criança educada nessas condições e crescer sem ter uma participação ativa pela justiça social.

Anos depois, já no Brasil, na primeira fase da minha juventude, em Niterói, participei da Biblioteca David Frischman (hoje Associação David Frischman de Cultura e Recreação, da qual sou Presidente), formada judeus progressistas, a maioria poloneses, com um veio político mais de esquerda, que nos acolheu naquela época.

Depois, quando meus pais se mudaram para o Rio, eu até ingressei em movimentos sionistas, mas eu não me enquadrava dentro da questão sionista, porque o meu objetivo não era Israel. O meu objetivo era o Brasil, lugar que eu tinha escolhido como sendo a minha pátria, aquela onde queria fincar minhas raízes, aqui na cidade de Niterói, da qual nunca me separei, mesmo meus pais viajando muito. Então, existiu todo um processo de formação até os meus 14 anos, quando entrei pela primeira vez no Grêmio Estudantil da Escola Tiradentes, em São Paulo. Os movimentos estudantis eram muito fortes na época, em São Paulo, e eu entrei na UPES – União Paulista de Estudantes Se-

cundários e cheguei depois até a ser secretária, cumpri uma carreira...

E houve mais uma questão que também pesou muito na minha formação: a Escola Tiradentes tinha como objetivo específico divulgar a história de Tiradentes. Todos os anos, eles faziam um concurso e premiavam as melhores dissertações a partir de um texto motivador abordando a história da inconfidência mineira e de Tiradentes. Geralmente, o melhor prêmio era uma bolsa de estudos no ano seguinte ou meia bolsa para o segundo e terceiro lugares. Sempre tinha uma premiação. Os meus pais estavam passando por momentos difíceis, e todos os anos eu me inscrevia para concorrer. E com as dissertações que eu fiz, eu saí vitoriosa, pois ganhei bolsas de estudo parciais. Uma das vezes, ganhei bolsa integral contando a contradição da história a partir de pesquisas que eu fiz. Naquele tempo, a gente ia para a Biblioteca Nacional, lia jornais de época, livros e mais livros... E na própria biblioteca havia pessoas que orientavam. Assim, consegui conhecer a história de Tiradentes de outra forma, como um homem que, na verdade, era perseguido — a história real não foi exatamente como se conta oficialmente. E essa forma de pesquisar e ver essa história real, e não a oficial, foi o que me deu o prêmio. O diretor da escola, Professor Eduardo, era uma pessoa também muito de esquerda, um cara muito avançado, e apoiava esses movimentos estudantis que a gente fazia porque ele achava que era uma forma de participação dos jovens, para não ficarem alienados.

Então, eu comecei nos grêmios estudantis e dali foi um pulo, depois de várias Colônias de Férias Kinder-

land, também um aprendizado muito grande. Na época, quem dirigia era o maestro Henrique Morelenbaum, que fez trabalhos maravilhosos com os jovens. A gente começou a ter uma visão diferente, começamos a ver filmes que falavam da Juventude Comunista, e algo foi crescendo e acabei ingressando no movimento de jovens da UJC – União da Juventude Comunista, em São Paulo, em 1956, já com 16 anos. Passei a fazer várias atividades, primeiro estudantis. Havia movimentos grandes na época. Fizemos a campanha de anistia para Luiz Carlos Prestes, que estava exilado. Fizemos campanhas reivindicatórias quanto ao valor das passagens dos ônibus, dos bondes, os estudantes se manifestavam contra os aumentos; e também se manifestavam politicamente no sentido de ampliar a liberdade democrática. Participei da campanha contra a bomba atômica. Sobre o desarmamento da população, fiz parte de dois movimentos, um na época da minha juventude e outro nos anos 1980. Hoje em dia a população está se armando novamente...

SOFIA – Rolande, pelo que você descreve, podemos dizer que o que veio a se tornar uma participação política em sentido estrito, na verdade começou a crescer em você desde a sua infância, se tomarmos a política num sentido mais amplo do termo, como uma questão de trato entre os cidadãos discutindo sobre valores, direitos humanos, sobre como nós devemos nos tratar em prol da superação dos preconceitos, em prol do valor da vida e sempre abrindo espaço para se pronunciar, para se expressar. A *Colônia Kinderland*, nesse sentido, também promoveu isso em você enquanto adolescen-

te, no contexto da comunidade judaica. E havia, então, um entrelaçamento entre integração social e política comunitária, e a política da comunidade maior na qual o Grêmio Estudantil também foi te lançando. Quando você era ativista no Grêmio Estudantil pela sua *Escola Tiradentes*, os seus pais se opunham, incentivavam ou ficavam neutros?

Rolande – Minha mãe não entendia muito a minha participação, não sabia exatamente do que se tratava. Ela sabia que eu tinha muitos amigos, que estava na comunidade judaica, onde ela queria que eu estivesse, então ela não se importava muito. Quanto ao meu pai, ele não me incentivava, mas também não me reprimia. E muitas vezes ele discutia política comigo, queria saber da minha posição em determinados momentos. “Mas o que você sabe sobre isso, sobre aquilo...”, e a gente discutia política. Eu era, realmente, mais chegada ao meu pai, porque ele provocava esse tipo de diálogo comigo, para saber o que estava acontecendo. Ou seja, ele não me incentivava, mas respeitava minha posição e, de certa maneira, agindo assim, ele também sabia onde eu estava e as pessoas com quem eu estava lidando.

SOFIA – Nesse viés, até que ponto isso era um cuidado paterno, de saber com quem a filha andava, e até que ponto também essa questão da associação política despertava nos seus pais alguma preocupação diferenciada, por eles terem sobrevivido ao Holocausto num contexto de perseguição também política?

Rolande – Meu pai, de certa maneira, sempre foi uma pessoa de esquerda. Ele nunca foi um ativista